



A ELIPSE EM SUAS VÁRIAS FUNÇÕES SÓCIOCOMUNICATIVAS

Elenita Alves Barbosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: nitajord@hotmail.com

Vânia Raquel Santos Amorim

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: amorimvrs@gmail.com

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

210

INTRODUÇÃO

A elipse é um fenômeno da língua, observado por muitos autores como uma lacuna usada intencionalmente pelo falante ou escrevente para evitar redundância em uma construção linguística, cujo termo pode ser retomado a partir do contexto textual ou, ainda, é, sob o olhar de Cunha e Cintra (2008, p. 633), “[...]a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir”.

No levantamento de pesquisas e estudos que façam referência à elipse, deparamo-nos com autores que pensam esse fenômeno linguístico como um “elemento nulo”, “vazio”, cujo resgate pode ser feito em uma retomada rápida do contexto; para outros, contudo, a elipse é muito mais do que um simples recobrir de contexto. Para estes, o sentido de uma lacuna em uma construção pode ser bem mais significativo; para aqueles, é uma questão estrutural.

Apontando para uma nova direção, o Funcionalismo contempla a língua em uso e considera as funções que lhe são atribuídas no processo de interação discursiva, pois sua existência se dá a partir do uso, atendendo às necessidades comunicativas. O uso, assim, é considerado como o produto de convenções cristalizadas na interação e no contexto histórico e social, que estimula a fixação de padrões gramaticais a partir da rotinização nos ambientes onde a comunicação se estabelece.

Um dos objetivos que norteiam os estudos funcionalistas é constatar o que fundamenta os fatos da língua e explicar a relação que há entre a forma e a função nos dados reais de fala. Para isso, são levados em consideração aspectos extralinguísticos, como: o instante, o lugar, os interlocutores, o escopo da interação; e, ainda, a



(inter)subjetividade e a subjetividade pretendidas pelo falante, a informação contida na construção. Há um forte interesse desses estudos em (re)conhecer, para assim explicar, os processos que resultam no êxito comunicativo.

Dado o caráter emergente da língua e a dinamicidade do uso, as conceituações apresentadas pela Tradição Gramatical não dão conta de explicar os fenômenos linguísticos tão presentes na fala. Para contribuir com a reflexão sobre esse movimento das línguas, surge, então, a Linguística e, com ela, entre outros, os estudos baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

Os parâmetros adotados pela LFCU conferem com o que se conhece como *Usage- Based Linguistics* (Linguística Baseada no Uso), também conhecida como Linguística Cognitivo-Funcional. Essa perspectiva teórica, então, convencionaliza forma < > significado como o escopo guia de suas pesquisas no contexto (DIEWALD, 2002). Em consonância com alguns conceitos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995); (CROFT, 2001); (TROUGOTT E TROUSDALE, 2013), esses pressupostos teóricos fundamentam este estudo das construções elípticas.

Diante do exposto, a nossa pesquisa tem como objetivo analisar o recurso da elipse em contextos de uso efetivo da língua, pois compreendemos que uma elipse jamais será vazia ou nula e ela pode, ainda, favorecer ao falante uma oportunidade de utilizá-la como instrumento para deixar o interlocutor fazer as inferências de fala a partir do contexto, em um exercício de (inter)subjetividade. O que lhe concede oportunidade de enfrentar situações, fazendo uso da elipse como recurso de dizer pelo silêncio, e isso, em certos momentos, quiçá, pode ser tomado como um certo empoderamento e também em alguns contextos é uma estratégia de resistência marcada pelo não dizer, um silenciamento carregado de significado.

METODOLOGIA

Nossos dados, envolvem os *Corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC), são constituídos por amostras retiradas de 8 (oito) entrevistas de informantes do PCVC e 8 (oito) de informantes do PPVC, coletados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq, levando em conta que a coleta se deu em momento de uso efetivo da língua, classificamos nossa pesquisa como sociofuncionalista, nos princípios de Hopper (1991); Goldberg (1995); Traugott e Trousdale (2013); na LFCU, tomamos como base Rosário e Oliveira (2016) e, para



análise das elipses, ancoramo-nos em López (1999); Heine (2011) e Goldberg e Perek (2019). Nossa análise tem o caráter quali-quantitativa.

Para esta pesquisa, realizamos a coleta dos dados, inferimos o sentido das elipses encontradas; reconhecemos que há elipses que são utilizadas como recurso de estilo, recurso de coesão textual ou, ainda, como uma forma de deixar a critério do interlocutor a inferência do que poderá ser dito, em uma relação de (inter)subjetividade, revelando empoderamento do falante e, em alguns contextos, ficando, de alguma forma, evidenciado o uso desse recurso como enfrentamento social.

212

RESULTADOS e DISCUSSÕES

Em diversos contextos de uso, notamos que a questão que envolve a elipse é bastante complexa e não nos parece adequado sustentar a análise desse recurso de forma superficial como se fosse apenas um elemento de coesão textual, conforme vem sendo prescrito na Tradição Gramatical, nem é uma lacuna sem significado, mas é possível de ser preenchida na mente do interlocutor, tomando forma a partir das propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e tem significado, recobrando as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, no modelo de construção de Croft (2001).

Sob essa perspectiva, López (1999) contribui com nossa reflexão e aborda a elipse como uma ideia clara de uma cláusula excluída que obtém seu significado em um antecedente. Porém, enfatiza o linguista, esses complementos da cláusula devem ser comuns aos interlocutores para que a elipse seja licenciada. Caso não haja essa possibilidade, a construção não é licenciada e se torna agramatical. O autor argumenta que as elipses são adjacentes frente às categorias que as licenciam e, portanto, elas devem estar dentro da estrutura. Heine (2011, p. 58) diz que estudos apontam que “[...] a sentença gramaticalmente completa é o ponto de referência e que a estrutura representa algum tipo de redução da sentença completa”¹ (tradução nossa).

Em (01) há exemplos de elipse utilizada em diversos contextos com variados propósitos:

- (01) Com certeza. Eu mesmo tenho o exemplo hoje em dia mesmo. Eu fico em casa no facebook, Ø converso com os amigos, Ø não saio mais pra fora, Ø num vô mais na quadra, no campo brincá de bola, alguma... jogá bola, alguma coisa assim, Ø entendeu? Ø Fico ali tal, conversano. E é uma coisa que me... Ø às vezes assim, de

¹ Texto original: [...]the grammatically complete sentence is the reference point, and that the structure represents some kind of reduction from the full sentence.

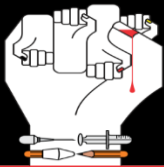


certo modo, me prende ali em casa, eu fico em casa e num é como antigamente. Quando num tinha facebook a gente ia procurá algo pra fazê. Ø Ia jogá futebol, Ø ia pra ôtro lugá, Ø entendeu? E hoje em dia Ø tem esse nome, facebook que realmente prende a gente mesmo de forma involuntária, ou voluntária, Ø prende a gente ali em casa. (JLS – PCVC)

Observamos em (01) que o falante se preocupa em não repetir o sujeito de algumas formas verbais, já dito anteriormente, e, por isso, utiliza a elipse (zeugma) como coesão textual. Mas em “Ø entendeu?” é um exemplo de elipse sem retomada de termo, mas que pode ser compreendida pelo contexto da conversa. Embora seja um marcador discursivo, e esse efeito não pedir complemento verbal, o falante poderia ter usado o sujeito sem nenhum prejuízo linguístico. Já em “E é uma coisa que me... Ø às vezes assim...”, há uma elipse utilizada com o intuito de reformulação de fala. No entanto, no fragmento “E hoje em dia Ø tem esse nome, facebook...” aparece uma elipse de sujeito sem que o termo elíptico tenha sido citado anteriormente, mas que o contexto é capaz de favorecer a compreensão. A esse tipo de elipse, nós nomeamos como “elipse opaca”, já as elipses cujo termo é recobrado via anáfora ou catáfora chamamos de “elipse transparente”.

(02) Aí ele num... não... não cobro Ø... não cobro Ø, a gente fechô já a casa pra o ano que vem, só que o ano que vêm a gente falô que só ia com uma condição, se ele cobrasse Ø da gente assim sabe, ele falô “Num vô cobrá o preço que é o valô que a gente cobra, mas aí pode vim, que a gente vai ININT precin’ camarada.”, então o ano que vem, a gente vai, tomara que essa casa permaneça ININT primêro como a gente viu primêro, fomo duas veze, assim, né, de cada três anos de ano em ano não dá pra ir não, que a gente gasta Ø muito, gasta Ø muito... (ESP – PPVC)

Em (02), há vários contextos de elipse, envolvendo as formas verbais “cobro”, “cobrasse”, “gasta”. Os três primeiros contextos são com complemento do verbo cobrar que permite a compreensão da sentença devido à semântica que lhe é atribuída e ao contexto da conversa que aborda sobre viagens. Parece ser o mesmo caso das duas últimas elipses que ocorrem com o verbo “gastar”. Apesar de não ter sido explicitado em nenhum momento, é perceptível que se trata de dinheiro. Em todos os casos, as elipses são opacas, mas de fácil interpretação. É notável a empolgação da entrevistada ao falar sobre a não cobrança do aluguel da casa que parece ser de praia, e do fato de ela e os filhos não irem todo ano, mas que vão a cada três anos. A nosso ver, todas as cinco elipses presentes no fragmento de fala retratam subjetividade, demonstrando certa satisfação de poder proporcionar à família um lazer tão sonhado.



Goldberg e Perek (2019, p. 1), afirmam que “As construções de elipse são padrões formais nos quais certa estrutura sintática tipicamente expressa é omitida”² (tradução nossa), é o que podemos confirmar nas análises que fizemos.

CONCLUSÕES

Pudemos notar que a elipse ultrapassa a fronteira prescrita pela Gramática Normativa. Dizer que esse fenômeno é apenas elemento de coesão textual não justifica os diversos usos que o falante faz dela. Além de ultrapassar essa fronteira, observamos que nem sempre é necessário material linguístico para interpretação das construções elípticas.

Nossa compreensão é que as elipses, apesar de não possuírem forma física, constituem uma construção nos moldes da Gramática de Construções como pareamento de forma ↔ significado, o que dá ao falante a capacidade de utilizá-las tendo como referência um elemento já citado ou o contexto, estabelecendo uma parceria linguística com seu interlocutor, no processo de (inter)subjetividade.

Diante disso, com a proposta de reflexão desta pesquisa, esperamos poder contribuir com a reflexão acerca desse fenômeno tão utilizado pelos falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Elipse. Funcionalismo. Contexto. Uso.

REFERÊNCIA

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

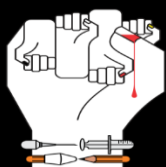
CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E.; PEREK, Florent. Ellipsis in Construction Grammar. **Oxford Handbooks Online**. Fevereiro de 2019.

²Texto original: ELLIPSIS constructions are formal patterns in which certain syntactic structure typically expressed is omitted.



HEINE, Lena. Non-coordination-based ellipsis from a Construction Grammar perspective: The case of the coffee construction. *Cognitive Linguistics*. 2011. V. 22: Edição 1, p. 55-80.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: Traugott, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. V. 1 p. 17-35

LÓPEZ, Luis. Ellipsis and discourse-linking. *Língua*. 1999. V. 110: Edição 3, p. 183-213.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, 2016. p. 233-259.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

